

Reportagem Especial

VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER

Justiça obriga 10 mil maridos a sair de casa

Esse é o total de homens afastados da família neste ano no Estado por agredirem a mulher. Média é de 50 casos por dia

Eliane Proscholdt
Francine Spinassé

Marcadas pela violência física e psicológica, mulheres de todas as idades e classes sociais têm buscado uma forma de proteção e recorrido à polícia e ao poder Judiciário para pedir o afastamento de agressores.

Somente neste ano, de janeiro a outubro, a Justiça obrigou cerca de 10 mil maridos a sair de casa por agredir a mulher no Estado.

O cálculo é da coordenadora Estadual de Enfrentamento à Violência Doméstica e Familiar, do Tribunal de Justiça do Estado, juíza Hermínia Maria Azoury, considerando que uma média de 50 homens são afastados por dia, o que equivale a cerca de mil por mês.

“Esses agressores são casados ou convivem com suas parceiras em união estável ou maritalmente. Fora isso, ainda existem os casos de afastamento de noivos e namorados”, disse Hermínia Azoury.

As agressões são físicas e psicológicas, seguidas de ameaças. Há casos até de mulheres que vão parar nos hospitais por causa da gravidade das agressões.

“Existe uma cultura machista e de dominação masculina, em detrimento da submissão feminina. Normalmente as agressões acontecem quando o relacionamento está chegando ao fim e o homem não aceita”, destacou a juíza.

A magistrada explicou que tem aumentado o número de mulheres fazendo denúncias e pedindo me-

das protetivas de urgência para garantir o afastamento do agressor. Em caso de descumprimento, ele pode ser preso.

Mas ela observou que não significa que tem aumentado o número de agressões. Para ela, as ações de enfrentamento à violência doméstica é que têm encorajado as vítimas a denunciarem cada vez mais.

E Hermínia Azoury falou sobre um outro problema que é o fato de nem todas as mulheres terem coragem de denunciar. Isso, segundo ela, está ligado à dependência econômica e afetiva.

“Por isso, o Tribunal de Justiça (TJ-ES) vai assinar um convênio no próximo dia 28 (segunda-feira). Será a Semana da Justiça pela Paz em Casa, idealizado pela ministra Carmen Lúcia, do Supremo Tribunal Federal (STF).”

Na ocasião serão firmadas parcerias com instituições de ensino para oferecer cursos de qualificação gratuitos a mulheres vítimas da violência, com o objetivo de inseri-las no mercado de trabalho e evitar que elas se caíam por causa da dependência financeira.

DEPOIMENTO

“Vivi um verdadeiro pesadelo”

“Fui casada por 14 anos e durante dois anos vivi um verdadeiro pesadelo, uma perturbação. Decidi me separar porque não aguentava mais ser ameaçada dentro de casa, ser perseguida no meio da rua e até no meu trabalho.

Tudo isso por causa do ciúme doentio do meu ex-marido. Na mente dele, eu o traía, o que não era verdade.

Cansada, decidi me separar, mas ele não aceitava o fim do nosso casamento e dizia que se eu não ficasse com ele não ficaria com mais

ninguém.

Um dia ele me abordou no meio da rua com um pedaço de pau. Desesperada, corri muito e entrei na casa de um senhor que não conhecia e escapei de ser agredida.

Procurei a polícia e o denunciei. Tenho uma medida protetiva que determina que ele mantenha uma distância de 200 metros.

Felizmente ele parou de me ameaçar e estou tentando ser feliz em um outro relacionamento.”

Faxineira de 34 anos

FAXINEIRA, que passou 2 anos sendo perseguida na rua e no trabalho pelo marido ciumento, conseguiu se separar e hoje tem medida protetiva contra ele

NÚMEROS

NA JUSTIÇA

18.022 MEDIDAS

protetivas foram concedidas pela Justiça de janeiro de 2015 a agosto de 2016

10 MIL MARIDOS

foram obrigados a sair de casa neste ano no Estado (janeiro a outubro)

NA POLÍCIA

Boletins de ocorrência nas Delegacias da Mulher (de janeiro e outubro deste ano)

MUNICÍPIO	OCORRÊNCIAS
Vila Velha	1.424
Cariacica	1.130
Vitória	1.043
Guarapari	867
Serra	724
Viana	401
Total	5.589

Até 20 anos para denunciar

Por medo, vergonha e, muitas vezes, por dependência financeira dos maridos muitas mulheres levam até 20 anos para tomar coragem e denunciar as agressões sofridas.

A titular da Delegacia Especializada no Atendimento à Mulher (Deam) de Vitória, delegada Arminda Rosa Rodrigues, revelou que tem recebido denúncias de mulheres que convivem muitos anos com a violência doméstica.

“Temos algumas ocorrências de mulheres que permaneceram casadas 10, 20 anos. Muitas esperam os filhos crescerem, se formarem para tomar coragem de denunciar, pois não conseguem se sustentar sozinhas e acabam se sujeitando a

essa situação por mais tempo.”

Ela enfatizou que toda mulher que passa por agressões tem medo de denunciar, já que além da violência física, sofre a violência psicológica, que causa muita dor.

A titular da Deam de Vila Velha, delegada Maria Aparecida Rasseli Sfalini, também relatou que há casos em que mulheres convivem durante anos com a violência doméstica antes de denunciar.

“Tem a questão da dependência financeira. Muitas vezes a mulher tem um receio em perder o padrão vivido. Muitas vezes, elas só dão um basta quando o marido já está em um outro relacionamento.”

Ela explicou que nessa situação há pessoas de todas as idades, in-

cluindo mais velhas, e de todas as classes sociais.

PROJETO

O Ministério Público do Estado (MP-ES), por meio do Núcleo de Enfrentamento à Violência Doméstica e Familiar contra a Mulher (Nevid), vai lançar no sábado (26), o projeto “Sociedade em Movimento: pelo fim da violência contra as mulheres”.

A ação de lançamento do projeto acontecerá na Praia da Costa, em Vila Velha, em frente ao Hotel Hostess, das 8 horas às 10 horas.

O evento contará com aulas de Piloxing, Aeroboxe e Ritmos e recreação para crianças acima de 6 anos.

ONDE BUSCAR AJUDA



PLANTÃO Especializado da Mulher

Denúncias

- > **PODEM SER FEITAS** através do Disque-Denúncia 181.
- > **PARA CRIMES** em andamento o acionamento deve ser realizado pelo Ciodes-190.

Delegacias

- > **PLANTÃO** Especializado da Mulher (PEM) - atendimento 24 horas: 3323-4045
- > **DELEGACIA** Especializada em Atendimento à Mulher (Deam) de Vitória: 3137-9115
- > **DEAM** de Vila Velha: 3388-2481
- > **DEAM** de Cariacica/Viana: 3136-3118
- > **DEAM DA SERRA**: 3328-7212
- > **DEAM** de Guarapari: 3261-5760



DONA DE CASA esteve numa Delegacia da Mulher para solicitar medida protetiva contra o marido. "Ele nunca foi príncipe, mas no início não era monstro"

VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER

"Fui agredida por 9 anos"

Foi chorando e com as mãos frias de nervoso que uma dona de casa, de 40 anos, deixou ontem uma Delegacia Especializada de Atendimento à Mulher na Grande Vitória.

Mesmo com medo de represálias, ela tomou a decisão de procurar a polícia para denunciar o marido e pedir uma medida protetiva sob a alegação de que foram nove anos de sofrimento ao lado dele.

A TRIBUNA - Por que procurou a polícia?

DONA DE CASA - Morei durante

“Ele começou me agredindo com palavras, fazendo ameaças, mas logo depois começou a me bater mesmo”

10 anos com uma pessoa, sendo que fui agredida durante nove anos. Decidi dar um basta nesse sofrimento. Não aguento mais viver assim.

> As agressões eram físicas?

Ele começou me agredindo com palavras, fazendo ameaças, mas logo depois começou a me bater mesmo, me dar tapas, socos, pontapés, puxões no cabelo.

Já deixou meu olho roxo muitas vezes. Posso dizer que praticamente vivi em cárcere privado, pois ele não me deixava sair nem para ir à casa dos meus parentes.

> Existe um motivo para ele agir assim?

Ele nunca foi um príncipe, mas no início não era esse monstro, mas sempre teve medo do nosso relacionamento acabar.

> O que foi o estopim para decidir denunciá-lo à polícia?

Há cerca de seis meses decidi

não viver mais como sua mulher. A gente ainda dormia na mesma cama, mas não como marido e mulher. Recentemente ele começou a dizer que eu estava com outra pessoa, mas não tenho ninguém.

Só que falei para ele que queria me separar e ele, então, passou a me ameaçar e disse que me mataria se eu procurasse a polícia para denunciá-lo. Ele não aceita a separação.

> Teve medo de denunciá-lo?

Sim, mas mesmo com medo, tomei essa decisão, pois descobri que o pior pode acontecer até mesmo comigo.

Minha esperança é conseguir a medida protetiva para que ele saia da nossa casa e não se aproxime mais de mim. Não quero mais viver em estado vegetativo (choro).

> Acredita que com a medida protetiva ele irá se afastar?

É o que eu espero. Quero voltar a

“O amor que sentia não existe mais. Não tenho ódio dele, mas tenho muita mágoa. Não aguento mais viver assim como um lixo”

ter o direito de ser feliz.

> Ainda sente algo por ele?

O amor que sentia não existe mais. Não tenho ódio dele, mas tenho muita mágoa. Não aguento mais sofrer e viver assim como um lixo.

> O que diz para mulheres que, assim como a senhora, estão sofrendo?

Que não esperem tanto tempo para buscar ajuda, pois esse tempo perdido não tem como ser recuperado. Não se calem, como eu me calei por nove anos.

Atendimento especial para vítimas de violência sexual

Na semana em que se iniciam os “16 dias de ativismo pelo fim da violência contra a mulher”, as Secretarias de Estado da Saúde, da Segurança Pública e dos Direitos Humanos anunciaram medidas para atendimento diferenciado para as vítimas de violência sexual.

Foi iniciada essa semana a capacitação de 100 profissionais de saúde da rede pública para atuar no acolhimento e cuidados com as vítimas de estupro. Esse atendimento humanizado começa a ser aplicado de imediato.

O secretário de Estado da Saúde, Ricardo de Oliveira, explicou que outra novidade é na coleta de vestígios. “Hoje a vítima da violência sexual recebe o atendimento em uma unidade de saúde ou hospital e depois precisa ir até o DML (Departamento Médico Legal) para passar pela coleta de vestígios. A mudança vai permitir que isso seja coletado no primeiro atendimento.”

Ele frisou que não estão definidos os locais onde as coletas serão feitas, nem o início, já que depende de aval do Ministério da Saúde.

O secretário de Estado da Segurança Pública e Defesa Social, André Garcia, destacou que essa facilitação no processo de coleta de provas deve contribuir para reduzir a subnotificação desses crimes.

ANÁLISE

Cláudia Regina dos Santos Garcia,
coord. do Núcleo de
Enfrentamento à Violência
Doméstica do MP-ES



“A vida sem violência é um direito”

“A violência doméstica contra a mulher é histórica e consequência de uma cultura machista que ainda predomina no Brasil, onde ela é vista como propriedade.

Diariamente, mulheres são mortas por seus companheiros pelo simples fato de não aceitarem que ela tenha a opção de escolha de dar um ponto final na relação. Na questão do estupro, por exemplo, o machismo é tão presente que a sociedade ainda subjulga e culpabiliza a vítima.

Estamos em um momento de desconstrução de paradigmas sexistas e construção real de igualdade de direitos. Para isso, é preciso mais informação e educação, além de medidas públicas mais efetivas.

A Lei Maria da Penha estabelece a inserção nos currículos escolares e programas educacionais da discussão sobre direitos humanos sob a perspectiva de gênero. Precisamos também de maior integração dos agentes da rede de enfrentamento e aumento da fiscalização das medidas protetivas.

A vida sem violência é um direito das mulheres. É importante que toda a população participe e denuncie. Essa luta não depende só das leis, mas também da participação da sociedade.”

OPINIÕES

THIAGO COUTINHO - 26/08/2016



“O alto número de agressões a mulheres é reflexo da cultura machista no País. Estamos pagando”

Maria Aparecida Rasseli Sfalsini, titular da Delegacia da Mulher de Vila Velha

FERNANDO RIBEIRO - 25/11/2013



“Toda mulher tem medo de denunciar, pois, além da agressão física, sofre a violência psicológica”

Arminda Rosa Rodrigues, titular da Delegacia da Mulher de Vitória



“A violência doméstica está presente em todas as idades e classes sociais”

Herminia Azoury, coord. Estadual de Enfrentamento à Violência Doméstica

RODRIGO GAVINI - 26/10/2016



“O Estado por anos esteve no 1º lugar de homicídio de mulher. Nos últimos anos, a taxa vem sendo reduzida”

André Garcia, secretário de Estado da Segurança Pública